

ARTIGO DE OPINIÃO**IMPARCIALIDADE DA IMPRENSA****~~Imparcialidade ou morte~~****O capital acima de todos!**

Por Gislaïne Buosi

A História registra que Gutenberg, alemão do século XV, com a invenção da prensa móvel, foi o revolucionário que popularizou a Bíblia, até então particularidade da Igreja. Porém, muito se engana quem acredita que as letras sagradas espalhassem a paz. Contrário disso, o evento foi o estopim da Reforma Protestante e de todos os respectivos desdobramentos. Afinal, o povo saiu da ignorância provocada pela Igreja, exatamente porque ela recitava os recortes bíblicos que lhe aproovessem – e não é exagero dizer que a imprensa, cujo vocábulo deriva da prensa alemã, é, hoje, também, motivo de revoluções político-sociais. Resta, assim, a questão: a imprensa, no papel que lhe foi atribuído de formadora de opinião, deve ser imparcial?

Ora, em primeiro lugar, é preciso reconhecer que um veio explorado pela imprensa, em especial a televisiva, é o jornalismo sensacionalista, que, provocando a comoção, ocupa o público um dia inteiro, ansioso pelo próximo tiroteio. Em segundo, há o jornalismo, que se diz – e há quem acredite – imparcial, neutro, indiferente às doutrinações partidárias.

Entretanto, é ingênuo assegurar que um cidadão minimamente politizado seja apartidário. Nessa linha de raciocínio, em meio a tantos entraves políticos, é fato admitir que o jornalista é, antes de tudo, alguém politizado e, como tal, impossível requerer dele a neutralidade da informação – ele sorri ou lamenta, prolonga ou reduz a matéria, omite ou enfeita assuntos, atribui adjetivos brandos ou graves a quem lhe convém. Fica claro, então, que, se a emissora X endossa o partido Y, é de todo saudável e democrático que a emissora Z incline-se ao partido N. Afinal, a pluralidade de opinião é basilar para o conhecimento daqueles que estão do lado de fora das telas.

Acima de tudo isso, há o interesse capital, engrenagem de quaisquer segmentos, que chamam para si o que é relevante – como “relevante” entenda-se “lucrativo”, quer seja pelos meios legais, quer seja, lamentavelmente, pelos meios ilegais. Assim, corpo a corpo, reais ou sensacionalistas, esquerdistas ou direitistas, as melhores estratégias da imprensa avolumam-se, rendem. A escolha cabe ao público, controle remoto em mãos. Com 7,5 bilhões de habitantes, o mundo oferece telespectadores de todo o gosto. A imprensa não é, nunca foi imparcial, desde Gutenberg até os âncoras dos telejornais. Nem deve ser.